



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1959

AO INAUGURAR A V BIENAL DE SÃO PAULO.

A vocação pioneira de São Paulo — o espírito bandeirante que aqui se formou e daqui se expandiu na aurora da nacionalidade — continua atuando como uma das componentes fundamentais da evolução brasileira. 690

Admirável indício dessa participação propulsora, em que o alto instinto criador da nobre gente de Piratininga ainda uma vez se manifesta em plenitude, é esta exposição internacional de arte promovida pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo. 691

Em realidade, estamos reunidos nesta cerimônia de abertura da quinta Bienal paulista pela mesma alma pioneira que traçou no passado o mapa definitivo do Brasil sobre a terra virgem da América. Se os homens do planalto não descem hoje destas eminências comandando as bandeiras de nossa expansão geográfica, a verdade é que os anima o mesmo impulso criador que identifica a presença bandeirante em tôdas as vossas iniciativas de vanguarda. 692

693 No curso da história brasileira, o movimento bandeirante assumiu, como sabeis, duas feições distintas: de inicio, demarcou a linha de nossas fronteiras, dando-nos a gigantesca base física sobre a qual se levantam os alicerces de nossa civilização; em seguida, impeliu-nos ao expansionismo interno que um dos nossos mais ilustres sociólogos chamou de "bandeirismo por obrigação" e que decorreu da necessidade da posse efetiva da terra com a permanência local dos agentes colonizadores.

694 Esta última feição, destinada a integrar o país na posse de si mesmo pela conquista civilizadora de seu próprio território, foi que nos impeliu a erguer na solidão verde do planalto Central, materializado por fim o sonho quase bi-secular dos Inconfidentes, a nova Capital brasileira, cidade erguida para as dimensões de nosso futuro e em que se espelharão as originalidades e a capacidade realizadora de nosso povo.

695 Nesta altura de nossa evolução histórica, podemos afirmar, sem receio de êrro, que o "bandeirismo por obrigação" dos nossos dias corresponde, em muitos de seus lances de grandeza épica, à primeira fase do movimento que daqui se expandiu — e eu vos faço esta afirmativa lembrando-me da compacta selva primitiva, jamais devassada na imensidão de seus mistérios e que foi rasgada de norte a sul pela intrepidez de heróis anônimos para que ali se estendesse o eixo civilizador da Belém-Brasília.

696 Esta exposição internacional de arte, que São Paulo mais uma vez promove através de seu Museu de Arte Moderna, corresponde, entretanto, a uma terceira modalidade de bandeirismo, cujos vestígios iniciais encontramos ainda no primeiro movimento expansionista. Quero referir-me com isto à presença de um livro de Cervantes, de uma fôlha de *Os Lusíadas* e de um exemplar da *Divina Comédia*, arrolados no espólio

dos velhos bandeirantes e que eloquientemente nos contam que êsses titãs do Brasil matinal, depois de se medirem corpo a corpo com as florestas do Novo Mundo, descansavam dos ásperos combates integrando-se nos valores eternos da arte universal, com a leitura de uma novela espanhola, de um terceto de Dante ou de uma estrofe camonianiana.

No volver do tempo, essa modalidade ainda imprecisa de bandeirismo — e que se destinaria a dar ao Brasil o sentido da universalidade dos valores artísticos — veio-se definindo e acentuando, até à tomada de consciência de uma arte brasileira, que se afirmaria em 1922, no tom combativo da veemência polêmica, com a Semana de Arte Moderna.

Os povos jovens da América, voltados para o futuro como perspectiva de desenvolvimento histórico, realizavam até bem pouco tempo a contradição de uma arte voltada para o passado, que se dissociava flagrantemente da linha evolutiva de sua predestinação natural.

O resultado dessa arte passadista, embora apreciável como assimilação de técnicas e processos de acentuada significação estética, não podia corresponder a uma expressão legítima da consciência artística americana. Esta, para afirmar-se em termos de autonomia, necessitou vencer duas etapas preliminares: a fase puramente imitativa e a fase dos exotismos de superfície. Só então pôde penetrar no período lúcidamente autônomo, em que buscou as suas próprias soluções modernas em consonância com as mais avançadas soluções internacionais.

A Semana da Arte Moderna de 1922 demarca a linha dessa autonomia na arte brasileira e é o ponto de partida de um bandeirismo estético, de que esta Bienal participa como desdobramento natural.

697

698

699

700

701 A cultura não pode ser jamais um monólogo — tem de ser necessariamente um diálogo: um diálogo com as outras culturas.

702 O caminho aberto no sentido de nossa autenticidade com a revolução modernista de 1922 haveria de chegar a este resultado: a plena comunhão da arte brasileira com a arte universal, no próprio núcleo radiativo de nossa vocação bandeirante.

703 Dir-se-ia que a nossa independência artística, seguindo o exemplo de nossa independência política, subiu a este planalto para proclamar aqui a sua emancipação.

704 Desde então assumiu São Paulo uma posição de vanguarda no movimento artístico brasileiro — a que se seguiram outras manifestações de considerável importância, ainda no plano mais arrojado da arte de nosso tempo, em que destaco, por sua atuação igualmente pioneira, a obra mais recente do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

705 De 1951, quando se realizou a primeira Bienal de São Paulo, até à presente data, quando novamente nos reunimos para confrontar e admirar as obras exponenciais da arte universal sob a égide da mesma convocação, nosso país acelerou o ritmo de seu desenvolvimento, com o alto propósito de assim corresponder, no plano da autonomia econômica e da evolução industrial e técnica, ao avanço que se evidencia no plano das nossas artes aqui representadas.

706 A exposição que neste instante inauguramos confere a São Paulo a proeminência de capital artística do mundo, durante os dias memoráveis desta Bienal. Aqui se encontram, defrontam e coordenam tendências e direções pioneiras, que se ajustam, por seu espírito de vanguarda, ao impulso criador desta hora brasileira.

707 Conforme observou em 1951 o diretor artístico deste Museu, ao explicar a primeira Bienal que então se realizava, este certame comprova a capacidade de São

Paulo para promover e manter em permanente atividade uma exposição internacional de arte.

Dou maior objetividade a essa justificativa com a afirmação de que São Paulo resume na sua vitalidade atual a vitalidade brasileira. A iniciativa plenamente vitoriosa do Museu de Arte Moderna corresponde a uma expressão do processo de adiantamento nacional, que tonifica o país em tôdas as direções e de que constitui o mais alto testemunho a nova Capital brasileira.

Se é certo que uma nação dá a medida de sua vitalidade na circunstância de ter feito grandes coisas no passado e pretender fazê-las maiores no futuro conforme o reparo de um dos mais argutos pensadores do mundo moderno — logo identificamos nos altos cometimentos atuais o espírito de coesão brasileira, que nos permite descortinar o alvorecer da nação plenamente realizada, no límpido horizonte do dia de amanhã.

A epopéia bandeirante não foi perdida no correr do tempo como um feito remoto que a lenda viesse adorando com o passar dos dias. Assim como ontem o espírito pioneiro dos homens do planalto reuniu os desbravadores que compuseram os limites de nossa geografia, hoje esse mesmo espírito subsiste em todos os grandes cometimentos de unidade nacional. É uma espécie de componente normativa, que nos impulsiona e nos dá uma direção.

Está na origem dêste Museu como na instituição desta Bienal. Está na realização de Brasília como na faixa de terra das estradas que neste momento se constroem. Está na preparação de nossa autonomia como na plenitude democrática de nossos sistemas de governo. Em suma: em todos os atos que implicam na presença da Pátria como coletividade organizada, ali o encontrareis, atuando, como outrora atuou na marcha das bandeiras de Piratininga.

708

709

710

711

712 A autonomia de uma nação é um processo a que se associam várias autonomias — a autonomia política, a autonomia cultural, a autonomia econômica.

713 A Quinta Bienal de São Paulo encontra o Brasil na plena posse de sua autonomia política e de sua autonomia cultural e a caminho de sua definitiva autonomia econômica. É este o sentido de todo o meu esforço na Chefia do Governo: completar a autonomia brasileira levando o país à conquista de si mesmo, através das grandes reformas de base que já principiam a acelerar a marcha de nossa definitiva emancipação.

714 Só assim realizaremos o supremo objetivo de nossa vocação bandeirante: a conversão do Brasil em grande potência, atuando de harmonia com as demais nações engrandecidas deste Continente e fortalecendo os nossos laços de cooperação e cordialidade com o resto do mundo.

715 Entre as grandes lições que a Quinta Bienal de São Paulo nos proporciona, desejo acentuar a da comunhão das formas, das cores e dos movimentos, que aqui identifica os artistas dos mais diversos recantos da terra, na alta categoria de suas peculiares manifestações estéticas.

716 Isto significa que a arte de nosso tempo já encontrou os seus caminhos de entendimento universal, embora os grandes artistas falem por vezes para o grande público uma linguagem do futuro, nas antecipações criadoras de seu gênio. E é esse entendimento admirável que explica a harmonia desta exposição.

717 A sabedoria da lição aqui recolhida há de ser um dia transposta ao plano das relações internacionais, de forma que os povos das mais diferentes tendências ou orientações possam falar o mesmo idioma da mútua compreensão, sem prejuízo de suas peculiaridades nacionais.

Sem êsse idioma comum, de que a arte internacional nos dá o exemplo da compreensão superior, corremos o risco de não preservar intactos para o futuro os valores de nossa civilização. Felizmente o que se observa neste momento é o despontar de uma nova esperança de entendimento universal, tendente a dar ao mundo aquela paz tranqüila que só se conquista com a harmonia dos homens de boa vontade.

718

A estrutura política do Brasil atual, em cujo clima as artes alcançam as puras expressões trazidas a este certame, tem possibilitado a livre expansão estética por entre o diálogo fecundo da controvérsia democrática. Nenhum exemplo mais significativo a êsse respeito do que a construção de Brasília, obra magna da democracia brasileira e expressão avançada de nossa autenticidade criadora.

719

Se é verdade, como afirma um dos grandes filósofos da arte contemporânea, que as formas arquitônicas de uma época estão em função de suas formas políticas, temos de reconhecer que a moderna arquitetura brasileira, de que Brasília é a realização monumental, reflete em seu adiantamento o nosso grau de evolução democrática, que também se espelha no congraçamento desta exposição internacional.

720

Nada mais tenho sido, à frente do governo desta República, do que intérprete e executor de nossas aspirações bandeirantes. Ao fim do mandato que o povo brasileiro me conferiu no momento de passar a faixa presidencial ao meu sucessor, hei de fazê-lo com a emoção dos antigos homens de Piratininga, quando entregavam a outras mãos o comando das bandeiras, para que estas prosseguissem na sua marcha gloriosa e levavassem sempre para diante o alto nome do Brasil.

721

E é em nome da vocação bandeirante de meu país que dou por inaugurada neste momento a Quinta Bienal de São Paulo.

722